ANTES

CAPÍTULO 1

Verão de 1550, Mosfellsheiði

A densa crina castanha do *Sleipnir*[*] balançava para um lado e para o outro ao estugar o trote. Espumava da boca e os olhos ardiam-lhe com o ímpeto do impulso ao avançar.

Sentado de pernas escachadas sobre o corcel de cascos velozes, Haraldur inspirou o ar fresco do fim do verão. Na mão direita, sustinha a rédea. Da esquerda, saía uma corda unida aos cabrestos de mais duas montadas que cavalgavam ao seu lado. A faca atada à cintura de Haraldur batia-lhe na coxa direita ao ritmo do *tölt*[**] do *Sleipnir*.

Ao expirar, Harald soprou um grave e longo *ooooo* através da barba viçosa castanha. Era suposto que acalmasse o corcel, mas a ânsia do animal por correr não seria refreada, nem pelo cansaço.

Um bom cavalo queria o melhor para o seu dono. Queria mostrar-lhe aquilo de que era capaz. Haraldur não pretendia cavalgar a montada até que esta caísse para o lado, com a longa subida de Mosfellsheiði ainda pela frente.

Tinham decorrido três longos dias desde que Haraldur preparara três cavalos e partira de casa, em Fellsströnd, na costa do Fiorde Vasto, Breiðarfjörður. Deixara para trás os Fiordes Ocidentais e rumara a sul.

Ia a caminho de avisar o amigo.

---

* Cavalo de Ódin, o mais poderoso deus da mitologia nórdica. Dotado de oito patas, é o mais veloz do mundo. (*N. do T.*)

** Modo de andadura rápida e fluída. (*N. do T.*)

Haraldur ouvira falar que um bando de degoladores de um clã rival conspirava para assassinar Njáll. Njáll era um dos mais prósperos proprietários de terras do sul da Islândia, dentetor de uma grande influência. Só que dinheiro e poder atraíam inimigos que descobriam formas de se servir da riqueza de terceiros.

Njáll e Haraldur tornaram-se amigos ainda em rapazes, pois eram primos, do lado das mães. Haraldur partiu assim que soube que Njáll corria perigo de vida.

O sol do entardecer manchou a terra de cor de laranja. O outono já pairava. Os pássaros já não chilreavam como o haviam feito na época de acasalamento e a erva dos prados esbatia-se do verde para o dourado. Conforme o Sol se foi baixando, e assim se instalva o crepúsculo, Haraldur alcançou a sua derradeira paragem dessa jornada, um *sæluhús** no planalto de Mosfellsheiði. Refreou o *Sleipnir* à porta da modesta cabana de turfa e saltou-lhe do lombo. Deu de beber às montadas e encaminhou-as para um pasto cercado, para que repousassem.

Haraldur abriu a porta e acedeu a uma entrada escura e baixa. Queria descansar os membros durante a noite e prosseguir a jornada bem cedo no dia seguinte. Faltava-lhe cerca de meio dia de viagem para alcançar a quinta de Njáll na margem do largo e tempestuoso rio Ölfusá.

— Três cavalos e um homem, uma noite. — Haraldur passou o seu peso de pé para pé enquanto rosnava por entre a barba. O longo cabelo ruivo enquadrava um rosto com um maxilar rígido. — Pode alojar-nos?

Uma rapariga de saia de lã por tingir surgiu no salão central, de candeia na mão. O brilho ténue do óleo em combustão realçou-lhe ainda mais o verde dos olhos.

— Há um quarto lá atrás — revelou ela com um movimento da cabeça. — Pagamento de manhã. Sem truques.

Una aproximava-se do seu trigésimo aniversário e era originária do sul. Passava os invernos a servir como criada numa das quintas de um fiorde vizinho. No verão, tomava conta do albergue instalado nas terras do amo. Todos os que viajavam entre o Oeste e o Sul faziam uma pausa noturna nas jornadas neste *sæluhús*.

* Abrigo pequeno situado em regiões remotas da Islândia. (*N. do T.*)

Una fitou demoradamente o homem atraente parado no salão. E fê-lo por muito mais tempo do que aquele que em geral votava aos hóspedes.

— Tem fome? Posso tentar arranjar alguma coisa na cozinha.

Partilharam um filete de bacalhau seco e nacos de pão de algas. Haraldur falou-lhe dos cavalos que o acompanhavam na viagem e da sua quinta de ovelhas no Fiorde Vasto, composta de tantas ilhas que nenhum homem alguma vez as contara. Una disse que era ágil na tosquia.

Não era frequente Una convidar forasteiros para a sua cama, mas nessa noite optou por abrir uma exceção. Haraldur pareceu-lhe diferente. Especial. Haraldur falou de igual para igual com ela. Quis conhecer-lhe as opiniões, ouviu-a sem interromper, partilhou histórias do dia a dia da sua vida.

Na manhã seguinte, quando se preparava para partir, Haraldur perguntou a Una o que diria ela se ele a viesse reclamar na viagem de regresso.

— Se não demorares uma eternidade, até sou capaz de te acompanhar — respondeu Una, pondo-se a entrançar o cabelo enquanto Haraldur partia. Os raios do Sol matinal penetraram por uma janela estreita nas paredes de turfa. A faixa de luz pareceu apartar a divisão em dois. Una levantou-se sob tal brilho, cerrou os olhos e absorveu o calor que se lhe espalhou pelo rosto.

Haraldur chegou às margens do Ölfusá antes dos bandidos. Njáll sentiu-se grato por ver o amigo e ambos celebraram o encontro pela noite fora. Njáll contratou um par de trabalhadores robustos a um vizinho de confiança para que o vigiassem constantemente e zelassem pela sua vida. Quando Haraldur estava para partir, Njáll entregou ao amigo uma bolsa de couro recheada com moedas de prata e de cobre, *klippinge*.

As *klippinge* tilintavam no bolso de Haraldur quando este cavalgou de regressou ao *sæluhús*, dois dias mais tarde.

Una reuniu os parcos pertences, montou a jovem égua detida por aquele gracioso Haraldur e partiu rumo a oeste, até ao Fiorde Vasto e às suas incontáveis ilhas.

Ela e Haraldur poderiam nunca ter-se cruzado, mas cruzaram-se.

E geraram uma prole excecionalmente numerosa.

CAPÍTULO 2

Novembro de 1994, Ísafjörður

O vento projetava a neve daqui para ali no lado de lá da janela da sala. Formava-se uma tempestade.

Björk sentiu a barriga de *Lóa* aveludada e quente sob a palma da mão. *É macia como papel de seda*, pensou enquanto afagava o animal sonolento. A gata ronronou discretamente. Passou lá por fora um limpa-neves, com as luzes de um cor de laranja-amarelado a varrer a sala de estar. A grande máquina limpava a rua, empurrava a neve e formava montículos no terreno contíguo, vazio. O chocalhar e o chiar da viatura a raspar o chão invadiram a casa.

A gata acordou e esticou as patas da frente contra o sofá de bombazina, abriu o menos possível os olhos como fendas e espreitou com satisfação para a sua imberbe cuidadora.

Björk lamentava não poder ter um gato seu. A mãe era alérgica. Um cão também não era hipótese. Cavalos, tinham-nos, mas os cavalos estavam sempre no exterior e não dava para brincar assim com eles, no sofá da sala de estar.

E, como tal, Björk ficou encantada quando Jón, um velho amigo da mãe, lhe pediu e à sua irmã Rósa que tomassem conta da sua gata. Ele tinha de ir a Reiquiavique comprar óculos, por não haver nenhum sítio nos Fiordes Ocidentais onde os vendessem, quanto mais um oftalmologista. As seis horas de carro rumo a sul e um par de noites num hotel em conta nos arredores da capital não teriam sido adequados para a

velha *Lóa*. Ela não gostava de viajar na caixa transportadora e no banco de trás. Enjoava sempre ao andar de carro.

Björk e Rósa vieram diretamente da escola para casa, para tratar da gata. Deram-lhe línguas de bacalhau e mediram-lhe um decilitro de comida seca na taça. *Lóa* dispunha de uma portinhola para gatos; entrava e saía sempre que queria, e tratava do seu servicinho lá fora.

Björk não foi capaz de se afastar da gata adormecida. Era muito macia e aconchegante.

— Anda daí, temos mesmo de ir — insistiu a irmã. — Vamos perder o autocarro.

— Só lhe quero fazer festas mais um bocadinho. Ela adora. Vê como enfia a cabeça no meu colo. Beijinho beijinho.

Rósa, com os seus oito anos, deixou-se ficar à porta com a mochila vermelha *My Little Pony* pelos ombros, a passar, impaciente, o peso de um pé para o outro. O autocarro para a aldeia delas, que ficava do outro lado da montanha, sairia da escola dali a cinco minutos e Rósa sabia que o motorista não esperava por atrasados. Mas Björk ainda andava na primeira classe e escapava-lhe uma boa perceção do tempo. Para ela, cinco minutos e quinze minutos eram a mesma coisa. Rósa, pelo menos, já andava na terceira classe.

Por sorte, Jón vivia ao lado da escola. A mãe dissera-lhes que ele ainda tinha outra casa, um velho sítio de verão, no campo. *Lóa* também preferia o campo, uma vez que podia brincar nas ervas sem ter de se preocupar com os carros de passagem.

— Vou-me embora. Se quiseres, fica — declarou Rósa, voltando-se para a porta de casa. Tentou pela última vez convencer a irmã. — A mãe prometeu que hoje fazia *lummur*, ou já te esqueceste?

Björk adorava *lummur*. Panquecas pequenas, mas deliciosamente grossas, com geleia vertida por cima e encimadas com colheradas de compota de ruibarbo. Eram as preferidas de Björk. E a mãe até as sabia fazer em forma de flores e de corações.

Björk levantou-se devagar do sofá e fez uma derradeira festa à gata.

— Está bem, eu vou. Mas tenho de ir a correr à casa de banho.

Rósa fechou a porta ao sair e assegurou que ficara bem fechada. De contrário, uma rajada forte de vento poderia abri-la e deixar entrar neve na casa.

As raparigas arrastaram os pés sobre montinhos de neve que se haviam formado no pátio. Nesses dois últimos dias, caíra pelo menos meio metro de neve. Ficaram maravilhadas com as formas geradas pelo vento e falaram em ir descer de trenó a colina que ficava atrás da casa delas.

Ao chegarem à rua, com os sapatos cheios de neve, o autocarro escolar passou diante delas. Rósa ainda correu atrás dele, a acenar ao motorista para que parasse, mas de nada lhe valeu. Ou não a viu ou não quis saber.

— Temos de ir para casa. O que vamos fazer? — questionou Björk, hesitante. A sua voz foi engrossando com o acumular das lágrimas. — Entrou neve no sapato. A mãe diz que apanho uma constipação se andar na rua com os pés molhados.

Rósa olhou, pensativa. A escola estava fechada. As outras crianças tinham ido para casa ou já alguém as tinha recolhido. O autocarro partira. Nesse momento, a mãe andaria lá fora a alimentar os cavalos e ainda levaria pelo menos uma hora até voltar a entrar. E o pai saíra para o mar. O barco de pesca só regressaria ao porto lá para o fim de semana.

— Talvez devêssemos ir para a casa de alguém — sugeriu Björk.

— A mãe vai zangar-se, se tiver de nos vir buscar — comentou Rósa.

Björk teve então outra ideia.

— E se… e se fôssemos a pé?

Ela sabia que era proibido ir a pé para casa. Podiam perder-se no meio da nevasca, e o novo e sofisticado túnel ainda não estava aberto. Além disso, não era permitido percorrê-lo a pé.

Ao longo desses últimos anos, fora escavado um túnel sob a montanha para ligar Ísafjörður às aldeias vizinhas. Com uma extensão de alguns quilómetros, encurtaria distâncias e tornaria as viagens mais seguras. Não tardaria, ninguém teria necessidade de recorrer à estrada íngreme e sinuosa da montanha na qual era perigoso conduzir, em especial durante as tempestades de inverno.

— Não podemos entrar no túnel — frisou Rósa, alarmada. — Ainda não está acabado.

— Ouvi a mãe dizer ao pai que já dá para atravessar a montanha. A estrada está acabada — insistiu Björk com a firmeza dos seus seis anos. Fixou o olhar na irmã. — Tenho a certeza.

— Acho que vamos ter de arranjar maneira de chegar a casa — pensou Rósa. — E se o túnel ainda não foi inaugurado, também não vai haver lá carros.

Só que, entretanto, Björk começou a pensar melhor.

— Mas eu tenho medo do escuro — protestou. — E o túnel é mesmo escuro.

— Vamos devagar. Eu vou à frente e tu vens sempre de mão dada comigo. Não te largo até chegarmos a casa. Vamos pela beira da estrada — disse Rósa. — Pensa só nas panquecas.

A resistência de Björk esmoreceu e ela deu a mão à irmã. Puseram-se a caminho de casa.

Quando as raparigas percorriam a berma pavimentada rumo à caverna na encosta da montanha, recomeçou a nevar. A luz do entardecer esmorecia e a escuridão impunha-se depressa. Não tardaria, ia estar tão escuro lá fora como dentro do túnel.

— Felizmente, não vai nevar no túnel — comentou Rósa, incitando a irmã mais nova a avançar. — Anda, vamos.

Rósa e Björk entraram de mão dada na galeria. O último sinal delas foi uma mochila vermelha *My Little Pony* sorvida pelas sombras.

E desapareceram.

DEPOIS

CAPÍTULO 1

Outubro de 2019, Ísafjörður

O mar gemeu ao de leve. As ondas tinham percorrido uma distância imensa. Uma tempestade nos mares ao largo da Gronelândia manifestou-se uns dias mais tarde em ondas que se abateram sobre as costas escarpadas da orla noroeste da Islândia. A água remexeu-se numa espuma branca ao embater nas rochas, pulverizando as bocas das grutas formadas há uma eternidade por erupções vulcânicas.

Toda a gente necessitava ocasionalmente de contacto com as bases que davam estabilidade à vida. Para a inspetora Hildur Rúnarsdóttir, essa base era o *surf*. O mar era volúvel; ninguém seria capaz de prever com exatidão os seus movimentos. Havia sempre aquele lugar frio e escuro que escapava à deteção. Exigia cautelas. O risco seduzia. Brincar com um lugar frio como aquele era a forma que Hildur encontrara para gerir a vida.

Hildur prendeu com força a longa trança num puxo junto à nuca, permitindo ao carapuço de neopreno encaixar confortavelmente na cabeça.

Estimou a temperatura da água nuns cinco graus; no máximo, seis. O fato de mergulho de corpo inteiro era do modelo mais grosso. Tinha pernas e braços compridos, mas aí o neopreno era um par de milímetros mais fino, pois as suas pernas e os braços necessitavam de maior liberdade de movimentos. Também usava luvas e botins concebidos para *surf* em águas frias.

O fato preto assentava-lhe como uma segunda pele. Se fosse largo, deixaria entrar demasiada água e o corpo arrefecer-lhe-ia demasiado. Um fato excessivamente justo dificultaria os movimentos. Montar uma prancha de *surf* exigia agilidade.

A luz pardacenta de finais de outubro pingou por entre nuvens esfarrapadas. A aldeia não via o Sol no inverno; as montanhas em redor mantinham-no longe da vista de novembro a fevereiro. Era a altura do ano em que o astro se sumia, só regressando depois de ido o inverno.

Hildur envolveu a prancha de *surf* verde com o braço e entrou na água. Os botins de neopreno tinham solas de borracha grossas, mas, ainda assim, sentiu sob os pés a rocha vulcânica afiada. Ao fim de alguns passos cautelosos, deitou-se na prancha e começou a remar com as mãos na direção do mar aberto. Os braços musculados cravaram-se ritmadamente no mar: a respiração acelerou.

No mar, só é possível a alguém aventurar-se até onde a mente permite. Naquele dia, Hildur pretendia aventurar-se até ao mais longe possível. As ondas eram baixas, mas longas, resquícios típicos de uma tempestade da Gronelândia. Remar até elas era esgotante. E era precisamente por isso que Hildur adorava abrir caminho por entre as vagas. Ao gastar fisicamente a energia, de alguma forma gerava mais na mente.

A prancha cortou o mar e a respiração de Hildur foi ficando mais elaborada. Reparou num corvo preto-retinto a voar, lá no alto. E, no instante em que olhou para ele, foi engolida pelo mar. Respirou uma vez com a cabeça erguida e um punhado de água salgada deu com o caminho até aos pulmões, provocando nela um intenso ataque de tosse.

Depois de remar umas centenas de metros, Hildur deu a volta à prancha e esperou pela onda seguinte, que pretendia tomar para si. A costa estava vazia. Não havia muitos surfistas na vila de um par de milhares de residentes. Nesse dia, o mar era só seu.

Uma hora mais tarde, Hildur pegou na prancha e seguiu a pé na direção da península de Arnarnes, onde deixara o SUV de tração integral. Fazer uma pausa de tudo o mais voltara a resultar. A ansiedade que a dominara nessa manhã tinha sido avassaladora. E apesar de já não

se sentir agonizada como quando acordara, ainda pressentia que em breve poderia receber más notícias.

Hildur comandava a Unidade de Crianças Desaparecidas da Islândia rural e era inspetora no Departamento de Polícia de Ísafjörður. A única inspetora dos Fiordes Ocidentais.

Ao avançar para a viatura, ouviu o toque do telemóvel. Descalçou as luvas justas de surfar, abriu a porta do carro e pegou no aparelho que piscava no assento da frente.

— Daqui, Hildur — disse, ofegante. Limpou a água salgada da testa e puxou pelo grosso capuz de neopreno.

Era Beta, a chefe de Hildur, que tinha um assunto urgente em mãos. O telefonema não surpreendeu Hildur.

— Vou lá ter. Vou a caminho. Passo só em casa para mudar de roupa.

A maioria das pessoas conseguia antecipar coisas boas. O que era algo estranho para Hildur. Para ela, *bom* seria não ter de prever acontecimentos futuros: que as coisas simplesmente acontecessem e a vida se desenrolasse em segurança. Assim que sentia algum tipo de previsão, anunciava algo mau, alguma infelicidade.

A sua sensação de antecipação nem sempre fora tão perturbadora. Na infância, foi capaz de prever coisas boas. Deleitou-se com o Natal, com festas de aniversário de colegas de escola, com fins de semana a cavalgar, com o primeiro nevão do ano.

Mas quando tudo mudou, extinguiu-se a capacidade de Hildur prever coisas boas.

Enfiou uma toalha por baixo do rabo e instalou-se no assento de couro. A seguir, ligou o motor do SUV e acelerou rumo à pequena vila de Ísafjörður, onde vivia e trabalhava.

CAPÍTULO 2

O estofo em xadrez pareceu áspero ao toque a Pétur. O chão da sala de estar era de um laminado bege. Quando as solas sintéticas das *Vans* lhe tocaram, geraram um chiado feio.

Pétur puxou para baixo o gorro preto e tentou relaxar fixando o olhar na estante de livros quadrada IKEA que tinha à sua frente. O conteúdo era absolutamente aleatório. Pilhas sem sentido de rolos de papel higiénico, folhetos publicitários e caixas de piza vazias tinham sido amontoadas nos cubículos. Vacas de porcelana e o romance *Salka Valka*, de Halldór Laxness. Uma camada espessa de fuligem coberta por uma película de pó.

Pétur tinha fome. Nesses dois últimos dias, comera apenas um iogurte de morango roubado pelo caminho numa estação de serviço. Mas, nesse momento, era impossível pensar em comer. Sentia-se demasiado agitado.

Felizmente, o jovem médico aparecera e prometera levar Pétur de carro até Ísafjörður. Um polaco qualquer que não residia há muito tempo na Islândia e que não dominava a língua. O que não era um problema para Pétur. O seu inglês era bom. Não o aprendera na escola; nem sequer terminara os estudos secundários. O YouTube e os fóruns de discussão *online* ensinaram-lhe o que precisava de saber, e não sentiu dificuldade em conversar com o médico polaco. Ficou satisfeito por ser um estrangeiro a ir buscá-lo. Um estrangeiro não o reconheceria. Os

islandeses tinham primos e parentes em cada raio de fiorde. Pedir-lhes boleia era sempre arriscado.

Pétur agitou-se e lançou um olhar furtivo à mesa de jantar a meio da sala. Estava lá sentado um velhote, com uma camisa de flanela vermelha demasiado apertada na barriga, a enfiar marijuana no cachimbo de água. O velho avaliava o trabalho através de óculos de leitura estalados. Os vincos na testa cheia de cicatrizes aprofundaram-se quando espreitou para o cachimbo.

— Grande seca que me deste. Demoraste a cá chegar, não achas? Porque é que demoraste tanto tempo? — perguntou ele a Pétur enquanto encaixava a taça na haste. — Estou muito desiludido contigo.

O velhote pousou então o cachimbo de água e o isqueiro na mesinha de café, diante dos olhos perscrutadores de Pétur.

— Mas não te preocupes, miúdo. És bom tipo. De certeza que te há de ocorrer algo para me animar, não te parece?

O velho regressou ao seu assento, cruzou as mãos na nuca e recostou-se. Da poltrona, fitou o adolescente, claramente a desfrutar da situação. O olhar penetrante acabou por exigir uma reação a Pétur.

— Sim, pois, foi uma chatice sair à sorrelfa daquele sítio. As pessoas que lá trabalham são matreiras como o caralho.

— Ainda bem que somos mais matreiros, não achas? — sorriu maliciosamente o velho, a apontar com a cabeça para o cachimbo de água.

Pétur pegou de imediato no cachimbo. Não era claramente a sua primeira vez. Pousou-o no colo, acendeu o fornilho e começou a sugar energicamente pela piteira. A divisão foi preenchida pelo tranquilo gorgolejar do cachimbo de água e pela respiração pesada do velho. *Finalmente*, pensou Pétur. Conforme os seus pulmões se enchiam com o vapor fresco, a tranquilidade espalhou-se-lhe pelos membros. A comichão nos braços dissipou-se.

— Anda, chupa com força nesse cachimbo. Não tenhas pressa. Vai-te deixar na boa e relaxado. Não achas?

O velho mirou o adolescente a fumar o cachimbo de água e, muito vagarosamente, começou a desapertar o cinto.